

CONTRIBUIÇÕES DO MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS PARA A AGENDA 2030

CONTRIBUTIONS OF THE PEASANT WOMANS MOVEMENT TO THE 2030 AGENDA

CONTRIBUCIONES DEL MOVIMIENTO DE MUJERES CAMPESINAS A LA AGENDA 2030

Deise Ingrid Schneiders¹
Siomara Aparecida Marques²
Janete Stoffel³

RESUMO: Diante de um cenário de emergência climática, o presente estudo buscou identificar no Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) do extremo oeste catarinense, práticas e políticas que contribuem para o desenvolvimento sustentável, em especial sob a perspectiva da Agenda 2030. Para isso foram realizadas entrevistas com participantes do MMC a fim de coletar os dados necessários para a posterior comparação com os objetivos presentes na Agenda global. Trata-se de um estudo de caso com participantes da região extremo oeste de Santa Catarina e que faz uso de uma análise qualitativa de dados coletados por meio de entrevistas semiestruturadas. Além das práticas e políticas das militantes do Movimento apresentarem diversas contribuições à Agenda 2030, identificamos uma construção chamada de “projeto de sociedade”, formada por uma concepção de desenvolvimento sustentável com base na agroecologia.

Palavras-chave: Feminismo Camponês. Transformação Social. Agroecologia.

¹ Mestre em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável na Universidade Federal da Fronteira Sul (PPGADR/UFFS), graduada em Engenharia Ambiental pela Universidade (UFPR).

² Cientista Social (UFSC), Mestre e Doutora em Sociologia Política (UFSC), Professora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável na Universidade Federal da Fronteira Sul (PPGADR/UFFS).

³ Coordenadora do Curso de Pós-Graduação Stricto sensu, mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Laranjeiras do Sul/PR. Docente na Pós-Graduação Stricto Sensu em Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável, no Mestrado Profissional em Administração Pública e na graduação em Ciências Econômicas da UFFS Campus Laranjeiras do Sul. Pesquisadora produtividade em Pesquisa C do CNPq. Pesquisadora visitante no Dirur/IPEA (agosto de 2024 a julho de 2027). Pós-doutorado no Programa de Desenvolvimento Econômico da Unicamp. Doutora em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul/RS (2013). Mestre em Políticas e Projetos de Desenvolvimento pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (2004). Especialização Lato Sensu em Comércio Exterior (2002). Graduada em Ciências Econômicas pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (1998).

ABSTRACT: In the face of a climate emergency scenario, this study sought to identify practices and policies within the Peasant Women's Movement (MMC) in the far west of Santa Catarina that contribute to sustainable development, especially from the perspective of the 2030 Agenda. Interviews were conducted with MMC participants to collect the necessary data for later comparison with the objectives of the global agenda. This is a case study with participants from the far western region of Santa Catarina and a qualitative analysis. In addition to the practices and policies of the Movement's activists presenting various contributions to the 2030 Agenda, a construct called a "society project" was identified, which is a form of sustainable development based on agroecology.

Keywords: Peasant Feminism. Social Transformation. Agroecology.

RESUMEN: Ante un escenario de emergencia climática, este estudio buscó identificar prácticas y políticas dentro del Movimiento de Mujeres Campesinas (MMC) en el extremo oeste de Santa Catarina que contribuyen al desarrollo sostenible, especialmente desde la perspectiva de la Agenda 2030. Se realizaron entrevistas con participantes del MMC para recopilar los datos necesarios para su posterior comparación con los objetivos de la agenda global. Se trata de un estudio de caso con participantes de la región del extremo oeste de Santa Catarina y un análisis cualitativo. Además de las prácticas y políticas de las activistas del Movimiento que presentan diversas contribuciones a la Agenda 2030, se identificó un concepto denominado "proyecto de sociedad", una forma de desarrollo sostenible basada en la agroecología.

2

Palabras-clave: Feminismo Campesino. Transformación Social. Agroecología.

INTRODUÇÃO

O Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) surge em 2004 com a união de diversos movimentos de mulheres que ocorrem em todo o país. Na região oeste catarinense o movimento anterior era nomeado Movimento de Mulheres Agricultoras, constituído na década de 1980 em paralelo ao surgimento de outros movimentos sociais de base. Muitas militantes da região participaram ativamente da luta por direitos das mulheres, como o reconhecimento da profissão de agricultora para aquelas que trabalhavam no campo, aposentadoria e licença maternidade (Gaspareto, 2018).

O Feminismo Camponês e Popular é construído dentro do MMC, através de amplos debates entre as militantes. Neste conceito de feminismo a luta pelo meio ambiente, que se desenvolve principalmente pela agroecologia, fica evidente. Um exemplo disso é o “projeto sementes crioulas de hortaliças”, que motivou o resgate de variedades de cultivares alimentares através de um trabalho feminino coletivo no país (Gaspareto, 2018).

As participantes do MMC desenvolvem cursos e formações em busca de construir a sociedade em que acreditam. Estas formações são realizadas com base no conceito de educação popular¹ e buscam valorizar saberes tradicionais e científicos. Para que a amplitude destes conhecimentos construídos no movimento seja expandida, procuram parcerias com sindicatos e órgãos públicos e desenvolvem cartilhas e materiais informativos.

Apesar de ser um movimento constituído por mulheres, seu propósito é semelhante ao de outros movimentos mistos, ou seja, transmitir as pautas e demandas identificadas e os conhecimentos adquiridos para as famílias e assim transformar a sociedade (Gadelha et al, 2017). O movimento proporciona uma tomada de consciência sobre o cenário político, econômico e social, atual, e arquiteta formas de melhorar esta realidade. Infelizmente, se a voz da mulher não é ouvida em casa ou na sociedade, todos perdemos.

Algumas pesquisadoras, como Rosendo (2017), apontam uma significativa diferença na socialização feminina que desenvolve “nestas meninas” um olhar que pode contribuir para uma sociedade mais saudável e sustentável. Frequentemente em nossa sociedade funções relacionadas ao cuidado são ensinadas e delegadas às mulheres, ao mesmo tempo em que essas funções são consideradas inferiores. Porém, esta forma de ver o mundo com maior valorização da emoção e sob uma ótica de cuidado com a vida, pode representar uma grande contribuição para o desenvolvimento mais sustentável da sociedade, com respeito a todas as formas de vida.

A perspectiva de uma sociedade baseada no cuidado é uma visão ecofeminista, que se assemelha ao feminismo camponês e popular em alguns pontos e fortalece a importância de um movimento de mulheres pensar e lutar por um projeto de sociedade diferente. Apesar da desvalorização da mulher que permanece acontecendo em nossa sociedade, vemos que a partir desses feminismos encontramos pistas para um modo de vida mais respeitoso para com todas as vidas.

Pesquisas realizadas anteriormente já apontam a importância do MMC para o desenvolvimento sustentável. O trabalho de dissertação de mestrado de Santos (2021)

investigou o processo de transição agroecológica das camponesas, identificando a contribuição destas mulheres para a economia, sobretudo das suas famílias. É um estudo que conclui que existem bons resultados sobre as práticas adotadas e identifica que há possibilidades de ampliá-los.

Outro estudo é o de Gadelha (2017) que analisou qual o impacto da participação do MMC na vida de mulheres no estado do Paraná, ressaltando aspectos de gênero e produção agrícola. O trabalho traz análises sobre gênero e campesinato e conclui que uma das maiores contribuições do MMC é possibilitar a formação de consciência sobre a importância dos saberes das(os) agricultoras(res).

Em movimentos como o MMC vemos algo muito valioso para a transformação da sociedade: a união entre teoria e prática. Formações a partir de metodologias de educação popular combinadas com mutirões, cursos com oficinas práticas sobre horta, quintais produtivos, preservação da água e manejo do solo, fazem com que as participantes sejam agentes de multiplicação de boas práticas pelo cuidado com o meio ambiente.

No mundo, apesar de toda a mobilização em torno da temática da sustentabilidade, indicadores apontam que nossas ações não têm sido suficientes para alterar a velocidade com que a humanidade deteriora o planeta. Documentos como o Sexto Relatório do Painel Intergovernamental do Clima trazem dados alarmantes como o da diminuição dos Gases de Efeito Estufa (GEEs) abaixo do necessário e a conclusão de que, quem mais sofre com os impactos dessa degradação, são as populações mais vulneráveis por outros fatores sociais (IPCC, 2021; IPCC, 2022).

Diante disso, os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) foram estabelecidos pela Organização das Nações Unidas (ONU) após amplas pesquisas e consultas à sociedade (ONU, 2015) com o propósito de nortear uma nova forma de desenvolvimento. Cada objetivo possui metas e indicadores, para garantir uma análise qualitativa e quantitativa, e apresenta o prazo final de implantação para 2030. Neste artigo utilizamos os 17 objetivos (Figura 1) para elaborar uma análise qualitativa das possíveis contribuições do MMC no oeste catarinense para esta agenda global.

Figura 1 – Objetivos do Desenvolvimento Sustentável



Fonte: ONU (2026)

Estes objetivos podem ser classificados em cinco P's: Paz, Pessoas, Planeta, Prosperidade e Parcerias. Ou seja, cada um dos 17 objetivos versa sobre sociedades justas, dignidade do ser humano, respeito ao meio ambiente, crescimento igualitário e cooperação global.

5

Apesar da importância reconhecida em diversos espaços, os ODS precisam de ações articuladas em nível local para que sejam realizados. É no território onde as pessoas vivem que se configura o espaço, são realizadas as ações, projetos e adotadas as práticas para o alcance de um desenvolvimento mais sustentável (Confederação Nacional de Municípios, 2017; Oliveira; Deretti; Dullius, 2017).

No contexto apresentado, a pesquisa que resultou neste artigo buscou identificar no Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) do extremo oeste catarinense, práticas e políticas que contribuem para o desenvolvimento sustentável, em especial sob a perspectiva da Agenda 2030. Os resultados do estudo estão apresentados neste texto que conta, além desta introdução, com quatro seções sendo elas a metodologia, o desenvolvimento sustentável sob a perspectiva do MMC, as contribuições do movimento para a agenda 2030, as considerações finais e referências utilizadas na elaboração deste texto.

METODOLOGIA

O estudo apresentado nesse artigo é resultado de uma pesquisa que foi desenvolvida considerando os municípios que compõem o extremo oeste catarinense, definidos conforme a Lei Complementar n.º 571, de 24 de maio de 2012 (Santa Catarina, 2012) que “Institui as Regiões Metropolitanas do Extremo Oeste e do Contestado e altera a Lei Complementar Nº 495, de 2010 [...]”, a qual acresce o Art. 11-B com a seguinte redação:

O Núcleo Metropolitano da Região Metropolitana do Extremo Oeste será integrado pelos Municípios de Bandeirante, Barra Bonita, Belmonte, Cunha Porã, Descanso, Dionísio Cerqueira, Flor do Sertão, Guaraciaba, Guarujá do Sul, Iporã do Oeste, Iraceminha, Itapiranga, Maravilha, Paraíso, Princesa, Romelândia, Santa Helena, São João do Oeste, São José do Cedro, São Miguel do Oeste e Tunápolis (Santa Catarina, 2012).

A pesquisa é qualitativa e se caracteriza por um estudo de caso, definido por Yin (1994) como uma metodologia de pesquisa adequada a estudos com múltiplas variáveis ou sob um olhar mais holístico sobre a realidade. Neste estudo a estratégia foi útil por auxiliar no aprofundamento da compreensão de como ocorre a contribuição do MMC para a agenda 2030, observando as práticas produtivas sustentáveis de suas participantes em suas vidas.

Para melhor compreensão da incorporação dos ODS pelas mulheres camponesas “militantes”, foram entrevistadas oito participantes do MMC na região delimitada, sendo a amostra definida por disponibilidade, interesse e participação ativa no movimento. O período mínimo de participação considerado foi de 2 (dois) anos. Os municípios em que as mulheres foram entrevistadas são: Iporã do Oeste, Itapiranga, Tunápolis e Anchieta. As entrevistas foram conduzidas em sua maioria nas residências das militantes, o que favoreceu identificar e visualizar como desenvolvem boas práticas de sustentabilidade.

Após a transcrição das respostas, realizamos uma análise qualitativa comparando as respostas das entrevistadas ao roteiro de questões semiestruturado com os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável e as práticas das participantes orientadas pela perspectiva agroecológica de sustentabilidade do Movimento de Mulheres Camponesas.

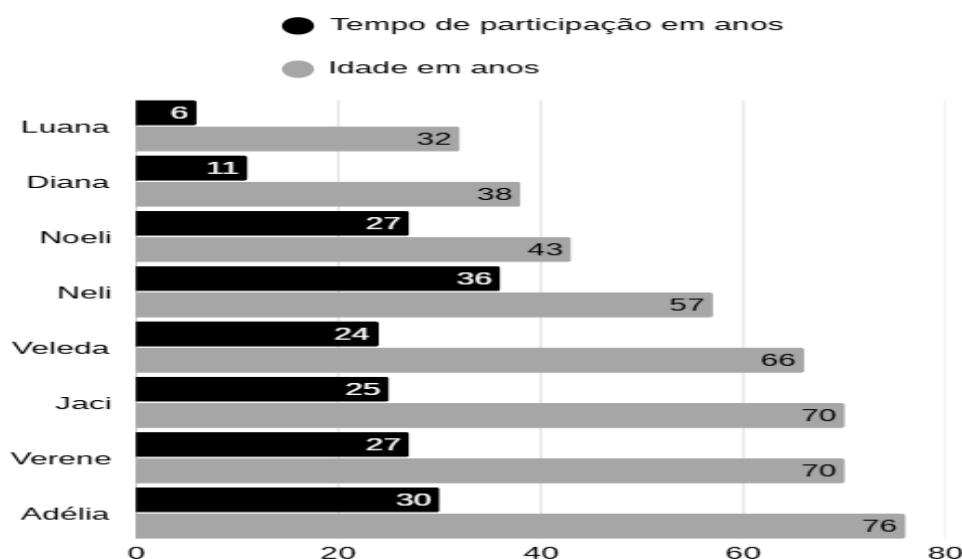
Desenvolvimento sustentável sob a perspectiva do MMC

O Movimento de Mulheres Camponesas é um movimento que transforma a vida das mulheres através da “união” entre elas, e é a partir deste espaço de acolhimento que surge o

poder de idealização e construção de uma nova sociedade. As mulheres entrevistadas⁴ possuem diferentes perfis, entretanto a gratidão ao que o MMC significou em suas vidas, foi unânime.

Em relação às características das mulheres quanto à idade e tempo de participação no MMC, no gráfico 1 constam estas informações sobre seus perfis.

Gráfico 1— Idade e tempo de participação das entrevistadas no Movimento de Mulheres Camponesas



Fonte: Schneiders (2024).

Em relação à faixa etária não foi possível encontrar mulheres na faixa etária dos 20 anos, uma vez que todas tem idade acima de 30 anos. Existem, inclusive, encontros e grupos de juventude do MMC, mas infelizmente, na região, não existe uma participação significativa das jovens camponesas. De forma geral, as entrevistadas relatam que o movimento já teve mais mobilização na população: “antes, a gente tinha duas líderes por comunidade, conseguia reunir 30 a 40 pessoas por encontro e era bem unido, e hoje eu não consigo mais ver isso acontecer” (Verene, 2023).

Além de ser um momento de encontro houve relato de que “a vida camponesa no Movimento era uma faculdade pra mim” (Jaci, 2022). Apenas uma das entrevistadas relatou não ter participado de curso, formação ou até mesmo cursos superiores a partir das oportunidades

⁴ Nesta pesquisa, as participantes entrevistadas autorizaram a publicação de seus nomes, conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para o CEP/UFFS (Schneiders, 2024).

do movimento. Essa troca e busca de conhecimentos faz parte da construção do projeto de sociedade em que acreditam (Gadelha, 2017), sendo os temas de formação voltados à agroecologia, sementes crioulas, alimentação saudável, feminismo, saúde integral e organização do próprio MMC.

Algumas das entrevistadas relataram a participação ativa nas lutas por direitos das mulheres, com idas à Brasília, acampamentos em Florianópolis, reconhecendo que isso gerou ganhos para todas as mulheres agricultoras até a atualidade. Os eventos regionais também eram e ainda são importantes, pois segundo as entrevistadas, são espaços de trocas de saberes e conhecimentos.

A esfera da família é considerada espaço de multiplicação dos conhecimentos obtidos nos encontros do MMC, o que é destacado pelas entrevistadas. Algumas manifestaram dificuldades de participar devido a relação com companheiro, outras indicaram limitações para a aplicação dos conhecimentos devido ao pai não concordar.

A esfera da comunidade também é mencionada como relevante. Para as entrevistadas é a coletividade que dá vida à agroecologia e é espaço de aplicação e disseminação de conhecimentos. São participações na igreja, nas festas comunitárias com doações de produtos dos quintais produtivos, além da participação em cursos ou de eventos representando o Movimento na disseminação de saberes.

8

Na realização das entrevistas foi possível observar que todas possuem seu quintal agroecológico, buscam multiplicar sementes e praticar uma alimentação saudável (Santos, 2021). A produção de alimentos é uma forma de cuidado com a família, e muitas vezes o excedente é repartido com a vizinhança e outras pessoas do seu convívio. Assim, a produção dos quintais, além de gerar economia, é fonte de renda para algumas.

A alimentação produzida de forma sustentável com base na agroecologia, é várias vezes citada, entendendo que esta prática de produção de alimento é forma de valorização da biodiversidade e cuidado com a natureza em um sistema agroecológico. Além disso, produzir alimentos desta forma é um cuidado com a saúde integral.

Todos estes elementos deixam evidente a preocupação e a ação destas camponesas com o compromisso para a construção de uma sociedade mais justa e sustentável. Para corroborar com isso, o próximo tópico apresenta uma relação entre os dados coletados nas entrevistas e materiais do MMC e os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da ONU.

Contribuições do MMC para a agenda 2030

A Agenda 2030 é política seguida não apenas pelo poder público, mas também por empresas e sociedade civil na região do estudo de caso. Relacionar estes objetivos com a prática do MMC é uma forma de demonstrar a importância deste movimento e seus conhecimentos. Para apresentação deste tópico, utilizamos os ODS agrupados em seus cinco P's: Pessoas, Planeta, Prosperidade, Paz e Parcerias.

Pessoas

Neste tópico consideramos os cinco primeiros ODS: Erradicação da pobreza; Fome zero e agricultura sustentável; Saúde e bem-estar; Educação de qualidade; Igualdade de gênero. Ou seja, são objetivos diretamente ligados à sociedade e à dignidade humana. Estas são temáticas muito presentes no movimento, em formações políticas e em ações concretas nos municípios da região oeste catarinense.

Podemos citar como exemplo a luta dessas mulheres, e do MMC como um todo, pela reforma agrária como sendo uma contribuição tanto para a erradicação da pobreza quanto para a agricultura sustentável e fome zero. Esta luta é expressa em manifestações das entrevistadas, que destacam: “Se não tivesse essa concentração de riqueza, seria possível todos terem dignidade, comida, casa, trabalho, mas a desigualdade é muito grande e ela gera muitos problemas” (Adélia, 2023) e “todas as pessoas precisam ter acesso à terra para produzir ou acesso ao trabalho com salário justo, casa, comida, oportunidade de lazer, estudar, ter tempo para isso, que todo mundo trabalhasse o necessário para viver e não vivesse para trabalhar” (Noeli, 2024).

A maior parte das entrevistadas diz ter participado de formações com temas relacionados a formas de agricultura sustentável: agroecologia, sementes crioulas, foram citadas como exemplos. Elas também defendem e desenvolvem a produção de alimentos sem uso de defensivos agrícolas, reduzindo o impacto ambiental e promovendo saúde de quem produz e de quem consome estes alimentos.

Para as entrevistadas, a alimentação de forma agroecológica é a questão mais importante para gerar saúde. Além disso, também citam a importância de valorizar e fortalecer o SUS e conhecer e utilizar os fitoterápicos. As plantas medicinais não são apenas conhecidas e

utilizadas pelas camponesas, elas compartilham seus saberes com a sociedade para que todos possam acessar seus benefícios terapêuticos.

O acesso à educação aparece como uma importante luta do Movimento, que inclusive adquiriu vagas em cursos de educação superior para suas militantes. O MMC também promove a educação informal ou a Educação Popular constantemente. Muitas dessas formações estão relacionadas aos temas presentes na Agenda 2030.

As conquistas de direitos em direção a uma sociedade com equidade de gênero implementadas pelo MMC são provavelmente seu maior legado, sendo citados como exemplos os direitos trabalhistas (aposentadoria, profissão reconhecida como agricultora) conquistados já na origem do Movimento. A formação de lideranças dentro do movimento também incentiva estas mulheres a desenvolver papéis de liderança fora dos espaços apenas “femininos”. Na região temos o exemplo da camponesa Luci Choinacki que foi eleita deputada estadual em 1986 e deputada federal em 1990 com apoio do Movimento.

Planeta

Neste tópico são considerados os ODS: Água potável e saneamento; Consumo e produção responsáveis; Ação contra a mudança global do clima; Vida na água e Vida na terra. Na pesquisa foi possível identificar práticas que corroboram com estes objetivos nas unidades produtivas, tais como práticas de coleta e utilização de água da chuva, proteção de fontes, cobertura do solo, manejo e plantios de árvores.

Uma alternativa ao mercado de consumo convencional é a economia solidária que busca promover um consumo mais sustentável buscando realizar mais trocas e envolver mais produtos locais. Exemplo disso é a participação do movimento em feiras de economia solidária na região do estudo de caso. A produção para autoconsumo também pode ser citada como uma forma de consumo sustentável, visto o baixo impacto ambiental que causa.

As entrevistadas deixam claro sua preocupação com o futuro e com a relação que o ser humano tem com a natureza:

É preocupante o futuro ambiental se tu analisa hoje como as coisas estão mudando, a natureza está se cobrando e também eu acho que não é suficiente isso que estão fazendo e exigindo para o controle da natureza. Porque as pessoas precisam ter um pouco mais de consciência em relação à natureza (Adélia, 2023).

A principal medida para combater as mudanças climáticas preconizada e praticada pelas mulheres do MMC é a agroecologia, que em sua prática diminui a emissão de gases de efeito estufa (GEE). Isso ocorre através de manejos como cultivos e pastagens permanentes e o não revolvimento do solo, por exemplo. Ademais, os sistemas alimentares agroecológicos são mais resilientes e tendem a responder melhor às mudanças climáticas.

O MMC informa e luta contra o racismo ambiental, levando em consideração que os que mais poluem, frequentemente são os que menos sofrem com os impactos da destruição do meio ambiente. As populações já vulneráveis por fatores econômicos e sociais acabam sendo as maiores vítimas das mudanças climáticas.

Para proteger a biodiversidade, o movimento participou e criou programas de troca e manutenção de bancos de sementes. As entrevistadas afirmam em vários momentos que participaram dessas trocas e que mantém as variedades, principalmente alimentares.

Prosperidade

O tópico prosperidade diz respeito aos ODS: Energia limpa e acessível, Trabalho decente e crescimento econômico; Indústria, inovação e infraestrutura; Redução das desigualdades; Cidades e comunidades sustentáveis. Nestes objetivos a visão do MMC é discordante em alguns pontos da visão presente nos ODS da ONU, mas ainda assim é possível observar políticas e ações sendo executadas.

Por exemplo, a expressão “crescimento econômico” não tem destaque no MMC e nos relatos das entrevistadas, mas em muitas manifestações das entrevistadas indicam que observam a existência de uma redução de gastos no orçamento da família a partir da produção de “miudezas”⁵. Outro aspecto destacado é a importância do trabalho das mulheres agricultoras e o reconhecimento de seu valor (Santos, 2021; Gadelha, 2017).

Os ODS contemplam tornar os assentamentos humanos mais resilientes, o que ocorre através de práticas como as das mulheres camponesas que consistem em produzir de forma sustentável o que se consome. Neste sentido, vemos a importância de que as pessoas tenham acesso à terra e aos conhecimentos básicos de plantios para que possam cultivar pelo menos parte de sua alimentação, diminuindo a dependência externa de insumos químicos e sementes

⁵ Miudezas é uma expressão que se refere à diferentes formas de produção dos quintais produtivos para o autoconsumo: horta, pomar, plantas medicinais, criação de pequenos animais, entre outros.

híbridas, por exemplo. O “tipo” de consumo, no Movimento é tratado com cautela, pois ele deve ser feito com consciência para determinar qual tipo de desenvolvimento da sociedade se quer fortalecer.

Paz e Parcerias

Estes dois P’s são referentes aos ODS Paz, justiça e instituições eficazes e Parcerias e meios de implementação. Apesar de serem objetivos de níveis mais amplos, globais e entre países, podemos fazer algumas considerações para nível local.

A luta do MMC é contra todos os tipos de opressão, aspecto que aparece em depoimentos das entrevistadas quando identificam destacam que “se libertaram” de ambientes nos quais as relações entre homem e mulher eram opressivas, violentas, autoritárias e hierarquizantes (Gadelha, 2017), sendo este um exemplo de promoção de paz que um coletivo pode gerar. Primeiro, a informação para que a vítima veja que sua situação não deveria ser assim, em seguida o apoio do coletivo para auxiliar na “reconstrução da vida” pós trauma. O MMC também participou da produção de um vídeo que faz denúncia de violência doméstica, muito presente na região contra mulheres rurais, no documentário “Sozinhas”⁶.

O ODS Parcerias se faz presente na articulação de atividades diversas do Movimento. Frequentemente eventos são apoiados por universidades, órgãos governamentais e outras parcerias estratégicas. Existe também uma organização junto a outros movimentos sociais da América Latina que o MMC faz parte, a Via Campesina.

Nesta seção buscou-se demonstrar que a coletividade é identificada como uma necessidade para o desenvolvimento sustentável na perspectiva das mulheres do MMC. O movimento gera uma rede em que a mulher é condutora de conhecimentos partilhados nos encontros, que são levados para a família e que, na maioria das vezes, também transferidos para a comunidade, pela forte participação social das militantes. Nesse caso as mulheres camponesas tornam evidente que a realização dos ODS é possível quando a diminuição das desigualdades

⁶ Este documentário é uma produção da repórter Ângela Bastos (2017) do Jornal Diário Catarinense – Florianópolis/SC, que denuncia a cultura de dominação masculina, marcada por agressões físicas, psicológicas, torturas e por abusos sexuais. No mesmo ano, recebeu o 48º Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XEuJ9XT2yX8>. Acesso em: outubro, 2026.

de gênero e de produção de alimentos venham a se constituir o elemento central para a sustentabilidade. Elas valorizam a troca, a doação, a partilha. (Schneiders, 2024)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou identificar no Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) do extremo oeste catarinense, práticas e políticas que contribuem para o desenvolvimento sustentável, em especial sob a perspectiva da Agenda 2030. A partir de um estudo de caso com mulheres do movimento e na perspectiva dos 17 ODS da ONU as análises foram apresentadas.

Concluimos com este estudo que existem contribuições para o desenvolvimento sustentável na perspectiva das ODS no Movimento de Mulheres Camponesas através de suas práticas e políticas de implementação da agroecologia no Extremo Oeste Catarinense. Apesar de possuírem metas e visão de sociedade distintas, existem vários pontos de convergência e conexão. O fortalecimento e a valorização do Movimento de Mulheres Camponesas e o engajamento nas lutas do feminismo camponês e popular se destacam. A atuação e participação no MMC constitui como forma de contribuir para um desenvolvimento sustentável e transformador de relações sociais.

REFERÊNCIAS

1. CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE MUNICÍPIOS. **Guia para Integração dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável nos Municípios Brasileiros — Gestão 2017-2020**. Brasília: CNM, 2017.
2. GADELHA, Renata R.; RODRIGUES, Sandra M. R.; MARQUES, Siomara A.; ANDRIOLI, Antonio I. **História das origens do Movimento de Mulheres Camponesas do Paraná (1981-2016)**. Revista Ártemis, [S. l.], v. 23, n. 1, 2017. DOI: 10.22478/ufpb.1807-8214.2017v23n1.35798. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/35798>. Acesso em: 7 abr. 2024.
3. GADELHA, Renata Rocha. **Recampesinização e Ressignificação do Campesinato: histórias de vida no movimento de mulheres camponesas do Paraná (MMC/PR)**. 2017. 254 f. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Universidade Federal da Fronteira Sul, Laranjeiras do Sul, 2017.
4. GASPARETO, Sirlei. **Pedagogia da sementeira: a construção de saberes pelo Movimento de Mulheres Camponesas no Programa de sementes crioulas**. São Paulo: Dialogar, 2018.

5. IPCC (Intergovernmental Painel on Climate Change). *Climate Change 2021: The Physical Science Basis*, 2021. 2022. Disponível em: www.ipcc.ch. Acesso em: outubro 2026.
6. IPCC (Intergovernmental Painel on Climate Change). *Climate Change 2022: Impacts, Adaptation and Vulnerability*, 2022. Disponível em: www.ipcc.ch. Acesso em: outubro 2026.
7. OLIVEIRA, Erick Renan Xavier; DERETTI, Sandro; DULLIUS, Alexandre. **A Produção do Conhecimento sobre Sustentabilidade nos Municípios brasileiros – uma análise pelas dimensões de Ignacy Sachs**. Guarapuava: Ambiência, 2017.
8. ONU (Organização Das Nações Unidas). *Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*. [2015]. Disponível em: <https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-09/agenda2030-pt-br.pdf>. Acesso em: 14 mar 2024.
9. ROSENDO, Daniela. **Ética sensível ao cuidado: alcance e limites da filosofia ecofeminista de Warren**. 2012. 155 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
10. SANTA CATARINA. **Constituição do Estado de Santa Catarina**. Assembleia Legislativa de Santa Catarina [2022]. Disponível em: https://www.alesc.sc.gov.br/sites/default/files/CESC_2022_-_87_emds.pdf. Acesso em: 15 de fevereiro de 2024.
11. SANTOS, Geneci Ribeiro dos. **Quintais produtivos e o papel das mulheres camponesas para o fortalecimento da produção agroecológica: um estudo das experiências desenvolvidas pelo Movimento de Mulheres Camponesas – MMC/SC**. Dissertação (Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável) — Universidade Federal da Fronteira Sul, Laranjeiras do Sul, 2021. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/5851>. Acesso em: 20 de set. 2023.
12. SCHNEIDERS, Deise Ingrid. **Possíveis Contribuições do Movimento De Mulheres Camponesas para o Desenvolvimento Sustentável: Um Estudo de Caso no Extremo Oeste Catarinense**. Dissertação (Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Laranjeiras do Sul, 2024. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/8562>. Acesso em: outubro, 2026.